ELEIÇÕES EUA ■ 2004

Árabes querem mudança de regime nos EUA

Apesar de poucas ilusões sobre Kerry, população e governos do Oriente Médio torcem por derrota de Bush

Renato Galeno

• Em poucos lugares do planeta a eleição americana é acompanhada tão de perto quanto no Oriente Médio. Se as ações americanas nos campos do comércio internacional, diplomacia e meio ambiente afetam todo o mundo, a força militar dos Estados Unidos é sentida muito mais fortemente no mundo árabe. À presença americana nos campos petrolíferos da Península Arábica somam-se dezenas de milhares de soldados no Iraque. A guerra nas sombras contra o terror é travada, em grande parte, em países como Iêmen, Arábia Saudita e Síria.

Mas se a atenção é grande, nenhum dos dois candidatos desperta grandes paixões. Se o democrata John Kerry tem um apoio declarado da maioria da população — e prudentemente velado de vários governos —, a opção é mais uma torcida anti-Bush do que uma declaração de amor ao senador.

— A maior parte do mundo árabe está cética em relação aos dois. Tanto Bush quanto Kerry apóiam a ocupação americana do Iraque e a ocupação israelense da Cisjordânia. Os dois acreditam que os EUA têm o direito de colocar em prática as resoluções do Conselho de Segurança da ONU unilateralmente em países considerados adversários enquanto protegem aliados de obrigações similares. Mas há a percepção de que Kerry tem mais conhecimento, é menos ideológico e deve entender mais as causas do extremismo islâmico do que Bush. Assim, teria menos chance de tentar impor soluções militares para problemas políticos complexos. Como resultado, provavelmente há uma preferência para Kerry — analisa o professor de ciência política da Universidade de São Francisco Stephen Zunes.

Magda Abu-Fadil, diretora do Instituto para Jornalismo Profissional da Universidade Libanesa Americana, de Beirute, explica a visão árabe de Kerry:

— A maioria dos árabes parece preferir Kerry devido a sua exasperação com Bush e o extremismo dos neo-conservadores. Mas não há ilusões de que será uma panacéia. Kerry parece ser o menor de dois males.

Abu-Fadil sintetiza os motivos que tornaram Bush persona non grata entre os árabes:

— A simpatia inicial após o 11 de Setembro se evaporou com a percepção do poder indomado, os preconceitos e estereótipos culturais e religiosos e a perda das liberdades civis dos muçulmanos árabe-americanos.

Governos também preferem vitória de Kerry

Entre os governos árabes, a discrição é a regra. Se países como Kuwait e Qatar servem de base para operações militares americanas, o Iêmen permite operações de assassinato seletivo em seu território e a Líbia negociou o desmantelamento de seu programa nuclear, os casos de afastamento da Casa Branca são mais numerosos. Síria, Sudão e Egito escondem profundas discordâncias atrás de um estudado linguajar diplomático e até mesmo a família real saudita, historicamente ligada ao clã Bush, está dividida. Mesmo a aliada Jordânia demonstra impaciência.

Um retrato deste momento conturbado aconteceu durante a cobertura árabe das convenções. Josef Blumenfeld, consultor de comunicações globais baseado nos EUA, esteve com jornalistas árabes de dez países enviados para a cobertura da convenção democrata e sentiu uma tendência anti-Bush:

— Nenhum deles vive num país democrático. Falando sob a condição do anonimato, todos me disseram que seus governos garantiram que eles estavam livres para fazer a cobertura, mas todos receberam a dica de que havia uma preferência para os democratas. Um dos repórteres disse: "queremos uma mudança de regime", usando as palavras de Bush contra ele mesmo. ■

AFP

PUBLICAÇÕES ÁRABES discutem a eleição nos Estados Unidos

CORPO A CORPO

IBRAHIM AL-BASRI

'O Iraque pode derrotar Bush'

• BERLIM. Ibrahim al-Basri, um dos três candidatos independentes à Presidência do Iraque, diz que seu país não se beneficiará com as eleições nos EUA, seja qual for o resultado.

Graça Magalhães-Ruether

O GLOBO: *Como os iraquianos vêm acompanhando a campanha americana?*
IBRAHIM AL-BASRI: A televisão apresenta todos os dias notícias sobre a campanha, mas eu e a maioria dos iraquianos vemos com indiferença a possibilidade de um ou o outro ganhar. Também o candidato da oposição não vai fazer bem ao Iraque.

• *O Iraque será decisivo para o resultado da eleição?*
AL-BASRI: Com certeza. O Iraque pode custar a vitória a Bush, pois ele começou a ocupação. Os americanos poderiam ter se retirado após a derrota de Saddam Hussein. Mas ficaram e a violência atingiu uma dimensão insuportável. A presença no Iraque representa custos para os Estados Unidos. Desde a Segunda Guerra os americanos vêm aumentando os gastos em conflitos. No Iraque, foram US$ 200 bilhões. Cada mês, eles gastam US$ 1 bilhão.

• *Uma saída dos americanos aumentaria o terrorismo?*
AL-BASRI: A tendência seria a redução da violência. Não entendo como uma superpotência é incapaz de caçar um terrorista escondido numa pequena cidade iraquiana. Abu Musab al-Zarqawi está em Faluja, com menos de 500 mil habitantes, e faz de boba a poderosa CIA.

• *Como vão os preparativos para as primeiras eleições iraquianas depois de Saddam Hussein?*
AL-BASRI: Elas serão no fim de janeiro. Tenho como ponto forte do meu programa o projeto de secularização do Iraque. Mas temo irregularidades. Além disso, o governo do premier Iyad Allawi quer excluir Faluja, Najaf e Samarra das eleições, alegando que são focos de rebelião.

• *Allawi vai se candidatar?*
AL-BASRI: Ele estará à frente de uma coalizão de curdos e xiitas, mas acho que eles não têm chance de vencer.

Plano de paz, um desafio ao vencedor

Governo Sharon nega preferência por Bush e analistas prevêem boas relações

Renata Malkes

Especial para O GLOBO

• JERUSALÉM. Após quatro anos de intifada, as eleições presidenciais nos EUA trazem de volta a expectativa da retomada das negociações entre israelenses e palestinos. Em meio à acirrada disputa entre democratas e republicanos, analistas apontam para o restabelecimento do diálogo no Oriente Médio como um dos maiores desafios da nova administração americana e especulam sobre o futuro das relações com o primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon.

— Existe uma necessidade de voltar à mesa de negociação com os palestinos, sobretudo com o agravamento do estado de saúde de Yasser Arafat. Israel, no entanto, não está preocupado se o novo presidente será Bush ou Kerry. As relações entre os dois países são fortes do ponto de vista estratégico e o governo israelense tradicionalmente não vê diferença entre republicanos e democratas — opina o cientista politico Shlomo Avineri, da Universidade Hebraica de Jerusalém.

Segundo Avineri, Kerry demonstra estar mais preocupado com o Iraque que com Israel. Ele acredita ainda que a influência da comunidade judaica dos EUA e as boas relações pessoais entre George W. Bush e Sharon contribuam para a manutenção da política externa americana em relação ao Estado judeu, caso o republicano seja reeleito.

— No caso da eleição de Kerry, pelo menos a princípio, acredito que sua prioridade seria trabalhar para amenizar os estragos internos e externos do fracasso da guerra no Iraque — arrisca.

Porta-voz de Sharon nega preferência

Embora o governo de Israel tente manter-se alheio à briga pelo poder em Washington, alguns ministros, como Ehud Olmert, do Likud, teriam expressado informalmente à imprensa local sua preferência por Bush. O porta-voz do primeiro-ministro Ariel Sharon, Raanan Guissin, foi categórico ao abafar os boatos.

— O que acontece nos EUA é problema dos EUA. Temos uma parceria baseada em interesses mútuos e os países viraram parceiros do destino, vítimas do terrorismo. Independentemente do vencedor, haverá mudanças e um período de adaptação. Somente após três ou quatros meses, após a posse do novo mandatário, saberemos que rumo tomar — disse Guissin ao GLOBO em visita ao Knesset, o Parlamento israelense. ■

Sharon negociaria com novo líder palestino

Premier diz que doença de Arafat não interfere na saída de Gaza e descarta enterro em Jerusalém

• JERUSALÉM E PARIS. O primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, declarou ontem que está disposto a negociar com um novo líder palestino que substitua o presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Yasser Arafat, hospitalizado na França. O premier afirmou ainda que a situação de Arafat não vai atrapalhar seus planos para a saída de Gaza, e descartou a hipótese de deixar de promover ações militares contra radicais palestinos.

— Estamos dispostos a negociar com uma nova liderança, que seria julgada por seus atos e palavras — disse.

Sharon afirmou que rejeitará qualquer pedido para que, caso o líder palestino faleça, seja enterrado em Jerusalém, cidade que Israel clama ser sua capital e os palestinos também reivindicam como a capital de um futuro Estado:

— Enquanto eu estiver aqui, Arafat não será enterrado em Jerusalém.

Autoridades palestinas de alto escalão reuniram-se sem Arafat em Ramallah, na Cisjordânia, e juraram manter a ordem das instituições. Também aconteceram encontros com líderes israelenses.

Estado de saúde de Arafat é estável, segundo médicos

Ontem, a equipe médica que cuida de Arafat em Paris declarou que seu estado de saúde se estabilizou. Exames descartaram a possibilidade de o líder palestino sofrer de leucemia ou outra doença fatal. Agora, segundo assessores, a atenção dos médicos se voltam para a possibilidade de uma infecção viral ou outro tipo de intoxicação.

O presidente palestino sofre de uma disfunção sanguínea que faz com que o nível de plaquetas em seu sangue seja extremamente baixo e os médicos tentam descobrir a origem da doença. Espera-se que até a próxima quarta-feira os médicos divulguem um diagnóstico oficial.

— Os médicos estão felizes porque a situação dele é bem estável — disse Leila Shahid, porta-voz palestina em Paris. Ela acrescentou que Arafat recebeu mensagem de solidariedade de diversos líderes mundiais, incluindo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

— Ele começou a comer, o que é um bom sinal, e a falar com todos os que se encontram ao seu redor.

Arafat, de 75 anos, passou a segunda noite no hospital militar francês Percy, onde chegou sexta-feira, depois de ter sido levado de seu quartel-general na cidade de Ramallah com fortes dores de estômago e baixo número de plaquetas no sangue.

Médicos franceses, no entanto, não fizeram comentários e insistem que só falarão em público quando os exames estiverem completos. Fontes médicas disseram que nada pode ser descartado até o momento. Um assessor que não se identificou disse que uma causa provável seria uso de medicamentos errados. ■

Reuters

O PREMIER palestino (à esquerda), Ahmed Qorei, com Mahmoud Abbas

OPINIÃO

FATOR ARAFAT

• A SUBSTITUIÇÃO de Arafat, quanto mais não seja por fatalidade biológica, sempre foi um dos maiores pontos de interrogação da cena política do Oriente Médio.

COMO ENCONTRAR nas fileiras palestinas alguém que tenha, como ele já teve, a capacidade ímpar de ao mesmo tempo falar em nome da causa palestina e ser ouvido por Israel?

O AFASTAMENTO do lendário chefe guerrilheiro e político por doença dá a essa inexorável transição de poder um sentido de urgência — principalmente por ocorrer num momento em que o plano de desocupação de Gaza proposto pelo primeiro-ministro Sharon divide Israel e os americanos vão às urnas na eleição presidencial mais polarizada da História recente dos EUA.